

# O povo mostra a face e avisa

VILLAS-BÔAS CORRÊA\*

Certamente que se embute uma advertência, que corta pela tangente, no contraste entre dois flagrantes simultâneos: enquanto o povo reencontrava-se consigo mesmo, reunindo-se em fantásticas multidões identificadas pela mesma vaga de emoção que unificou o país em milagre instantâneo, nas maiores manifestações populares de que se tem notícia para as homenagens de gratidão a Ayrton Senna, o Congresso, isolado em Brasília, afundava na degradação suicida de sucessivos atos de insanidade política, como que compelido pelo gosto pervertido de afrontar a sociedade e cutucar o eleitor com a vara curtíssima da provocação debochada.

Não é preciso forçar a mão para perceber que as milhares de pessoas, mais de 200 mil, que desfilarão como um rio silencioso durante o dia inteiro e por toda a noite, varando a madrugada nas filas quilométricas que consumiam mais de uma hora, em passo apressado, para o simples olhar de adeus ao caixão fechado do ídolo que ali virava lenda, passava, mesmo que sem deliberada intenção, um recado aos que dentro de mais alguns dias baterão à sua porta para mendigar seus votos.

O sentimento comum da tragédia de estúpida brutalidade, que roubou um dos nossos raros mitos realmente populares — mais amado pelo povo do que a própria família imaginava, como confessou, em agradecimento pungente, o irmão Leonardo —, marca o instante em que o povo desperta da letargia do desânimo, remói as amarguras de muitas decepções e volta à rua.

A multidão que chora, que se organiza em filas compactas ao longo de todo o percurso do féretro, que não se constrangeu em exibir suas lágrimas de choro contido ou de pranto desatado, é a mesma que apedreja com o voto. O povo não se rendeu, não bateu em retirada, acossado pelo asco e pelas frustrações de tantas mentiras e promessas descumpridas. Deixou o aviso de que continua presente e na hora exata estará aí mesmo para acertar as contas.

Quando menos dele se espera, surpreende e comove. Impossível a indiferença diante da gratuidade generosa da reação nacional, compacta, unânime, arrepiante. Gente de todas as idades espalhou-se pelas ruas, praças e avenidas de São Paulo, praticamente durante dois dias, sem arredar pé, apenas para depositar a flor da gratidão no esquife de um desconhecido íntimo. Não é um povo qualquer que libera impresentidões reservas de solidariedade para acudir ao impulso do coração. Sem nenhum interesse, sem esperar nada em troca. Não foi pedir, mas agradecer.

Parece muito tarde para que o Congresso se redima dos seus pecados e para que

os políticos peçam perdão pelos seus erros. Alguma coisa, porém, precisa ser feita, ao menos para remediar o mal e atenuar suas consequências.

Atônito diante da insensibilidade zombeteira da Comissão de Constituição e Justiça — que recusou, pela maioria dos votos do plenário, o parecer do relator que concluía pela punição, para inocentar o deputado-pastor João de Deus Antunes, invocando o cínico argumento de que o devoto guia das almas furtara a mixaria de sete mil e poucos dólares, uma parte para ele, outra para a mamãe —, o deputado Inocêncio de Oliveira, presidente da Câmara, soltou a previsão sombria: desse jeito, nem 80% dos atuais parlamentares serão reeleitos.

O cálculo não é exagerado. É daí para cima. Ou essa gente não está botando o nariz fora de casa, com medo da vaia e da cobrança, ou perdeu o respeito próprio e caiu na gandaia.

Parece que o desespero da certeza antecipada da derrota enlouqueceu o atarantado Congresso. Só a privação de sentidos, ou a insanidade declarada, justifica a série desmoralizante do melancólico apagar das luzes. Não há lógica no crepúsculo desta legislatura empenhada em negar seus grandes instantes, as decisões históricas como a CPI da quadrilha do PC e do Collor, o *impeachment* do presidente que traiu os 35 milhões de votos e os sonhos do eleitorado e a CPI do Orçamento, desmontando a máfia que desviava milhões.

Na sequência desses arranques reabilitadores engatou a marcha a ré do arrependimento e recaiu na bagunça. Afronta o eleitor com a falta de composição da gazeta institucionalizada. (Por falar nisso: que fim levou a enérgica e moralizadora determinação do presidente da Câmara de punir os malandros com o desconto das faltas?) A revisão constitucional foi congelada pelo pior dos despistes. Pois o Congresso estava no dever de decidir pelo voto, realizando a revisão constitucional ou assumindo a responsabilidade de rejeitá-la. Fugir dela, com medo do eleitor, é covardia.

Pode-se invocar a atenuante clássica: véspera de eleição obriga à aparição do voto. Vá lá. Mas não há desculpa ou explicação decorosa para a obscenidade do recuo da CCJ da Câmara. A coisa chegou a um ponto que provocou a reação de algumas lideranças parlamentares.

Talvez o plenário tente disfarçar os rombos na credibilidade da instituição, corrigindo os desatinos da Comissão presidida pelo demissionário deputado José Thomaz Nonô.

Pode ser. Convém esperar para conferir. Se não mudar a batida da caminhada suicida, o Congresso despencará no buraco do voto de 3 de outubro. Poucos voltarão. E, pior: o futuro Legislativo corre sério risco de ser renovado pela minoria do eleitorado. Um pobre Congresso, anêmico de nascença, com a legitimidade em pandarecos.

\* Repórter político do JORNAL DO BRASIL